

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES

MAGIA E CRIATIVIDADE
AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS DE UMA
BRUXA NATURAL

VTORIA DIAS DE FREITAS

RECIFE
2025

MAGIA E CRIATIVIDADE: As experiências artísticas de uma bruxa natural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de licenciatura em
Artes Visuais.

Orientadora: Renata Wilner

Recife
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Dias, Vitoria .

Magia e criatividade: as experiências artísticas de uma bruxa natural /
Vitoria Dias. - Recife, 2025.

47

Orientador(a): Renata Wilner

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2025.

1. Bruxaria . 2. Magia. 3. Artes visuais . 4. Autobiografia . I. Wilner, Renata
. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

VITORIA DIAS DE FREITAS

MAGIA E CRIATIVIDADE: As experiências artísticas de uma bruxa natural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em Artes
Visuais.

Aprovado em: XX/XX/20XX

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Wilner (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Maria das Vitórias N. do Amaral (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ma. Anna Carolina Consentino (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que um dia me apoiaram e me fizeram uma pessoa melhor, aos meus familiares em especial a minha querida mãe, Mônica Prazeres, que sempre esteve do meu lado torcendo por mim, e ao meu amado pai, Severino Messias, assim como a minha Avó, Maria dos Prazeres, que cuidou de mim e me ensinou as mais diversas coisas. Aos amigos que fiz na faculdade que me deram motivos para sorrir, mesmo nos dias mais tristes, gostaria de destacar a companhia de Millena Barros, Isabely Sabino e Luiz Felipe. Agradeço à minha orientadora, Renata Wilner, por acompanhar a escrita deste trabalho e me aconselhar nas tomadas de decisões. Sou grata a minha professora Jessica Tardivo, por contribuir na etapa de formatação e finalização deste trabalho. Agradeço aos meus ancestrais e à mãe natureza em toda sua potência. Por fim, agradeço a mim por ter insistido e continuado.

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a bruxaria, examinando-a como espiritualidade e estilo de vida pessoal, como uma prática livre e intuitiva. O estudo visa demonstrar sua relação com a história e a arte, que tem sido entendida como um meio de representar o sagrado e o divino em várias culturas ao longo do tempo, sendo de relevância para a contemporaneidade. A pesquisa parte da experiência pessoal da pesquisadora como praticante de bruxaria natural e artista visual, oferecendo um diálogo entre a criação artística e as práticas espirituais solitárias. Ao transformar a imaginação em realidade tangível, a arte se aproxima da magia, entendida na bruxaria como um meio de mudar e redefinir a realidade. A abordagem metodológica é autobiográfica, por se basear em registros pessoais, como por exemplo o grimório e o acervo pessoal de obras autorais, utilizados como ferramentas reflexivas. O estudo visa ajudar a entender a bruxaria natural enquanto caminho espiritual e criativo, destacando seu poder simbólico, político, estético e cultural.

Palavras-chave: artes visuais; bruxaria natural; criatividade; magia.

ABSTRACT

This research aims to analyze witchcraft by examining it as spirituality and a personal lifestyle, as a free and intuitive practice. The study seeks to demonstrate its relationship with history and art, which has been understood as a means of representing the sacred and the divine in various cultures throughout time, being relevant to contemporary times. The research is based on the researcher's personal experience as a practitioner of natural witchcraft and visual artist, offering a dialogue between artistic creation and solitary spiritual practices. By transforming imagination into tangible reality, art approaches magic, understood in witchcraft as a means of changing and redefining reality. The methodological approach is autobiographical, based on personal records, such as grimoire and personal collection of original works, used as reflective tools. The study aims to help understand natural witchcraft as a spiritual and creative path, highlighting its symbolic, political, aesthetic and cultural power.

Keywords: visual arts; natural witchcraft; creativity; magic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A IMAGEM DA BRUXA	11
2.1- “PAGANISMO” E DIVINDADES FEMININAS	11
2.2- A BRUXA NO PERÍODO MEDIEVAL	15
2.3- NEOPAGANISMO E A INFLUÊNCIA DE BRUXAS CONTEMPORÂNEAS NO MEU CAMINHO PESSOAL	19
3. CARTOGRAFIA DO PERCURSO DE UMA BRUXA-ARTISTA	27
3.1- AUTODESCOBERTA	27
3.2- DA SIMBOLOGIA A MAGIA	36
3.3- CALDEIRÃO EDUCATIVO: DESCONSTRUIR PARA EDUCAR	37
3.4- GRIMÓRIO	39
4. CONCLUSÃO	46
5. REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

Gostaria de me utilizar do termo “plantada onde nasci”, para que possam entender minhas raízes. Sou pernambucana, nascida em Recife. Uma parte do que entendo como bruxaria veio de um olhar europeu, do qual não me sinto representada, por isso pretendo em minhas práticas continuar olhando para a minha terra. Pretendo continuar crescendo na cultura do lugar onde fui plantada. Entrelaçando as minhas vivências enquanto nordestina, artista e bruxa.

Ao longo da história, a bruxaria teve vários significados e representações. Muitas vezes ligadas ao mal e à perseguição, especialmente durante a Idade Média e a Inquisição na Europa, tornaram-se um símbolo de práticas condenadas e de imagens estereotipadas espalhadas pela arte, literatura e discurso religioso. No contexto atual, há um movimento de redefinição desse termo, que agora é entendido como um campo de conhecimento ancestral relacionado à natureza, à saúde, à espiritualidade e em alguns casos à prática artística. Procuro analisar a minha prática artística enquanto praticante de bruxaria, e entender como essas duas áreas se mesclam para constituir uma prática religiosa e uma temática nas artes. Este estudo tem como objetivo analisar a minha prática artística enquanto praticante de bruxaria, e entender como essas duas áreas se mesclam para constituir uma prática religiosa e criativa.

Entre as várias tradições, destacam-se a bruxaria natural, a bruxaria diônica, a Wicca, a tradição alexandrina e a magia do caos. A primeira é descrita pelo foco em conhecimentos herbais, na magia da cozinha e na conexão direta com a natureza. A palavra "bruxa" tem origem incerta, mas é inegável que, durante a Idade Média, uma figura negativa se consolidou, perpetuada por obras como o *Malleus Maleficarum*, um manual inquisitorial que fundamentou perseguições e execuções de milhares de pessoas acusadas de bruxaria, a maioria mulheres (Silva, 2024, p. 24).

A estrutura do trabalho se concentra em dois capítulos subdivididos por tópicos. Na primeira parte, vamos nos debruçar em como foi construída a imagem da bruxa ao longo da história assim como no contexto atual, onde a bruxaria é entendida sob novas perspectivas, associadas tanto ao fortalecimento dos movimentos feministas, quanto às questões ambientais e sociais. Na segunda parte, abordo o desenvolvimento do meu percurso enquanto bruxa e artista, assim como a análise de símbolos mágicos nas minhas produções. Seguido por reflexões sobre como as duas áreas se entrelaçam e se conectam na minha vivência.

A minha familiaridade com o tema começa a partir do momento em que me entendo como ser pesquisador dentro da minha própria vida. Os assuntos próprios da bruxaria, como o estudo

de plantas, me interessam desde a minha adolescência, e por mais que o tema da bruxaria não fosse tão recorrente na mesma fase, já despertava interesse. Foi na faculdade que fui apresentada à pesquisa acadêmica e só então tive maior oportunidade de me debruçar sobre o tema de forma mais profunda e assertiva.

A palavra “bruxa” agora está ligada à valorização da sabedoria ancestral e à busca por valores mais respeitosos, tendo como foco as relações de respeito e intimidade com a natureza. O contexto cultural facilita a compreensão tanto dos processos de estigmatização e perseguição, quanto das vias de ressignificação que possibilitam a conceituação da espiritualidade como meio de resistência e transformação social.

2. A IMAGEM DA BRUXA

Neste capítulo, vamos nos concentrar em tópicos e noções que, ao longo da história, moldaram a percepção e a imagem do que entendemos como Bruxa, assim como as questões relacionadas a ela.

Começaremos discutindo "paganismo": o que é, de onde surgiu e como se relaciona com a bruxaria, bem como algumas obras que se encaixam na noção com a qual estamos trabalhando. Entraremos no período medieval europeu onde se instaurou a imagem da bruxa má, depois, vamos para o século XIX, quando o neopaganismo surgiu como uma nova força para o que antes era visto como ultrapassado. Para compreender a origem dessas ideias no Brasil contemporâneo e como influenciou a minha prática, é necessário analisar as diferentes visões que foram impostas à imagem da bruxa.

2.1- “PAGANISMO” E DIVINDADES FEMININAS

É necessário inicialmente abordar a noção de “paganismo”. O termo era dado às pessoas que praticavam crenças politeístas e não cristãs, a maioria das quais viviam em áreas rurais da Europa (Buckland apud Nascimento, 2021). Com o processo de expansão do catolicismo, o termo "paganismo" começou a ser usado como um termo geral para descrever religiões que não se baseiam nas crenças cristãs. É um termo problemático porque tende a reduzir e homogeneizar a diversidade de tradições e culturas que existiam naquele período. Tal radicalidade reflete a visão da religião dominante da época, o cristianismo, que por meio de práticas de sincretismo, sobre o que fala o antropólogo brasileiro Josué Tomasini Castro (2021), é uma simbiose entre culturas, estando elas passíveis de sofrerem adaptações ou fusões (apud Nascimento, 2021, p.8).

Uma crença que por sua vez incorporou elementos de religiões locais com o objetivo de atrair novos devotos e consolidar sua influência social, política e espiritual. Deixando claro que este caso de sincretismo não é uma exceção, ao longo da história podemos ver diversas religiões se utilizando de sincretismo como forma de sobrevivência e resistência, ou até mesmo como forma de poder.

Outro conceito de relevância para o estudo da bruxaria é o animismo. De acordo com Buckland (2021), o ser humano da antiguidade atribuía a cada ser, objeto ou fenômeno natural a presença de um espírito ou de um propósito, constituindo uma forma de adoração. Essa ideia permite entender que muitas religiões denominadas “pagãs” estabeleciam uma relação direta

com a natureza, marcada pelo respeito e pela intimidade com as diferentes formas de existir. Nesse contexto, gostaria de relacionar as terminologias de bruxa e bruxaria com o paganismo:

Os termos bruxa, bruxaria, inclusive, possuíam muitos significados dependendo da perspectiva analisada. Na perspectiva da visão antropológica, onde a bruxa quer dizer alguém que pratica feitiçaria; a bruxa na perspectiva histórica europeia, estas eram adoradoras do diabo, Satã, e noutro ponto de vista a definição do praticante que é a bruxa como adoradora de Deuses e Deusas pré-cristãs, sendo ela como uma forma de sobrevivência do culto “pagão” (Russel et al, apud Nascimento, 2021, p. 10).

A conexão entre "paganismo" e bruxaria demonstra que ambos os termos têm significados derivados de contextos culturais e religiosos particulares. Nesse sentido, a bruxaria pode ser vista como uma expressão religiosa que se expressa através da adoração a espíritos e deuses, manifestando-se em diversas práticas que abrangem desde tradições mais antigas até as mais modernas (Nascimento, 2021, p. 10).

Em diversas culturas e localidades é possível observar manifestações artísticas associadas às crenças politeístas e “pagãs”. É importante não confundir esses termos, uma vez que o politeísmo constitui uma prática presente em algumas religiões pagãs, mas não em todas, considerando a diversidade de povos e culturas. Essas expressões artísticas representam desde divindades e seres mitológicos a práticas cotidianas. Segue abaixo, ilustrada pela Figura 1, uma obra que exemplifica visualmente a imagem da Deusa Athena, deusa ainda cultuada nos dias atuais por alguns praticantes de bruxaria.

Figura 1 - Fídias, Atena Parthenos. 447 e 432 a. C. Escultura.



Fonte: Gombrich, 2000, p. 44.

A escultura de Atena Figura 1, também conhecida como Atena Partenos foi criada pelo artista Fídias entre 447 e 432 a.C., a escultura é uma réplica romana de uma estátua monumental de templo. Atualmente, se encontra no Museu Nacional de Atenas (Gombrich, 2000, p. 44).

A imagem acima demonstra a estrutura de um culto a uma divindade que é anterior aos ideais religiosos baseados no cristianismo no qual a adoração é voltada para um Deus masculino, que por vezes é tido como universal, afastando mulheres de reconhecerem o divino no feminino. À medida que a segunda fase do feminismo se desenvolveu, surgiu um movimento que defendia a continuação das sociedades que antecederam o patriarcado, nas quais as mulheres ocupavam uma posição central. Apesar de enfrentar forte resistência acadêmica por

muito tempo, essa ideia — conhecida como Goddess Movement (Movimento da Deusa) -- se espalhou rapidamente. Entretanto, nas últimas três décadas, o movimento ganhou mais visibilidade, impulsionado tanto pelas reivindicações de grupos de mulheres como pelas descobertas arqueológicas antigas, principalmente aquelas surgidas na segunda metade do século XX (Vieira, 2011, p. 33).

Enquanto a maioria das novas religiões tende a consolidar novos padrões de crenças e estabelecer novas estruturas, com a espiritualidade feminista não foi assim, ela sempre foi eclética, pegando emprestadas divindades, técnicas de meditação e receitas mágicas de quaisquer culturas que lhes pareciam interessantes. As praticantes da espiritualidade feminista não somente adoram uma Deusa ou Deusas, como praticam rituais e magias, diretamente ligados ao empoderamento da mulher (Eller, apud Vieira, 2011, p.19).

O que Eller comunica é a base dentro dos estudos da bruxaria. Ela utiliza o termo “eclético” para falar dessa instabilidade e a inexistência de um instrumento único de conhecimento para todas as praticantes.

Com o passar dos séculos, as principais interpretações da pré-história humana foram constantemente revisadas. Com base em evidências arqueológicas, atualmente é possível afirmar que algumas das primeiras representações humanas do sagrado tinham uma aparência feminina. Do paleolítico ao período neolítico, e até mesmo nas primeiras civilizações antigas, foram encontradas representações de figuras da Deusa sem um companheiro masculino.

Como não há registros escritos dessa época, há espaço para hipóteses , interpretações e até construções criativas sobre o assunto (Husain, 2001 ; Ruether, 1993 apud Vieira, 2021, p. 21). A bruxaria é uma espiritualidade que adora e homenageia a figura do feminino como algo sagrado e cílico, nos fazendo refletir sobre o divino através do olhar e do corpo da mulher, elementos que foram separados ao longo do tempo, principalmente no período medieval, que por muitas vezes desprezava a figura do feminino.

2.2- A BRUXA NO PERÍODO MEDIEVAL

No período medieval o “Paganismo” ainda estava presente no cotidiano da população europeia. Mesmo com o avanço do cristianismo, as pessoas se utilizavam de saberes populares e religiosos para lidar com doenças e colheitas, assim como outros problemas que atrapalhavam o cotidiano, recorrendo a curandeiras, benzedeiras e parteiras. À medida que a igreja consolidava seu poder, perseguiu e criminalizou práticas não cristãs, sendo as principais prejudicadas as mulheres (Rodrigues, 2022, p. 20 e 21). A partir desse contexto entendo que a figura da “bruxa” passou a ser enxergada com desconfiança, o medo crescia e a bruxaria foi alvo de negatividade, sendo demonizada. Nos levando até o momento histórico chamado de caça às bruxas.

A partir do final do século XV até meados do século XVIII, a caça às bruxas instituiu-se na Europa, atingiu seu apogeu e declinou, deixando um rastro de milhares de pessoas processadas, torturadas e mortas. Esses acontecimentos estão diretamente associados a um fenômeno social bastante específico, que os pesquisadores têm chamado com cada vez mais frequência de "bruxaria europeia", para distingui-lo de outras manifestações até certo ponto correlatas (Silva, 2012, p. 8).

Acredito, conforme pontuou Silva (2012), que o termo “bruxaria europeia” tenha sido utilizado para diferenciar outros acontecimentos de mesma natureza. Mas o que de fato chama atenção é a proporção do fato: os casos de “caça às bruxas” aconteceram em partes da Europa, África e na América, assim como em outros lugares. Todos incentivados pela grande histeria causada pela literatura e pela disputa de poder, constantemente motivados pelas crenças em maldições e em magia maligna. A imagem da bruxa cresceu e se desenvolveu em conjunto com o símbolo da mulher má. O *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), foi o primeiro trabalho de grande impacto a disseminar a imagem da bruxa, escrito por James Sprenger e Heinrich Kraemer (2024), monges dominicanos, que estabeleceram estereótipos que viriam a influenciar diversos trabalhos artísticos até os dias atuais. Segundo Eco apud Vieira (2024, p. 13):

[...] era necessário para a época, que esses indivíduos que rejeitavam a fé cristã, fossem representados [...] diferente das maiorias das pinturas romantistas da época. Isso era necessário para que ninguém se sentisse atraído em seguir tais caminhos ou sentir admiração por esses aparentemente tão errôneos e pecaminosos ritos. As mulheres tidas

como bruxas, além de serem vistas como feias, também foram relacionadas ao diabo – o que enfatizava o quanto ligadas ao pecado elas seriam.

O autor faz a observação de como a igreja fazia o uso da imagem da bruxa feia, com o fim de manipular as pessoas a se afastarem daquilo que não pertencia aos dogmas cristãos, se utilizando da imagem do repulsivo ou que era malvisto pela sociedade da época, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 - Dürer, Albrecht. As quatro bruxas. 1497. Gravura.



Fonte: Silva, disponível em:<<https://hdl.handle.net/11449/259356>>. Acesso em 22 set, 2025.

A Figura 2 apresenta uma obra de Albrecht Dürer (1471-1528), artista renascentista, apoiador da igreja e de suas práticas. A obra retrata uma das duas visões que foram construídas para as feiticeiras no período medieval, sendo representadas por vezes como mulheres

extremamente sensuais, que praticavam promiscuidade, se utilizando do poder maligno para enfeitiçar os homens. Já em outros momentos é associado à imagem de uma mulher feia e velha.

Dürer se utiliza da sensualidade para evidenciar o seu olhar negativo em relação à imagem da mulher bela e tentadora. Acredito que as influências greco-romanas do artista tenham sido utilizadas nesta obra com o mesmo propósito. A imagem também mostra o tabu quanto à sexualidade feminina, assunto bastante pertinente mesmo na atualidade, já que a bruxa também era vista como impura por explorar sua própria sexualidade. A obra representa quatro mulheres que se tocam intimamente e individualmente, reforçando a ideia negativa associada à imagem da bruxa já que segundo os pensamentos de Dürer, o ato da masturbação é um ato pecaminoso e errado.

As representações de Albrecht sobre as bruxas, embora não abraçassem o grotesco e novamente, nem mesmo fossem frequentes em seu trabalho, usavam do belo e do sensual como um instrumento de fortalecimento do pensamento e dos dogmas estabelecidos pela Igreja - uma estrutura da qual ele de certa maneira era parte e buscava reforçar (Silva, 2024, p. 19).

Através do comentário de Silva e da observação da obra de Dürer, podemos confirmar que os pensamentos e ideais, assim como a cultura de um artista, estão intimamente ligados às suas obras e construções artísticas.

Com o fim do período medieval e a chegada da contrarreforma há uma significativa disputa de poder entre a igreja católica e os defensores das correntes protestantes, e é nesse momento que se inicia uma segunda inquisição. Assim como Dürer, Francisco José de Goya y Lucientes também representa bruxas em algumas das suas obras, porém os dois tinham visões diferentes dentro de uma mesma temática. Seguidor dos pensamentos iluministas, Goya criticava a sociedade da época, dando destaque aos absurdos cometidos na inquisição, se utilizando da forma dramática que a igreja disseminou em suas obras, apontando a falta de razão dos mesmos que se colocavam diante de um discurso fanático religioso. O iluminismo desvaloriza as crenças populares, e acusa os adeptos de ignorantes.

Figura 3 - Goya, Francisco. Sabbat das bruxas. 1798. Óleo sobre tela a partir de um afresco.



Fonte: Silva, Disponível em:<<https://hdl.handle.net/11449/259356>>. Acesso em 22 set, 2025.

Goya traz em suas obras uma das imagens anteriormente comentadas da bruxa, distante dos padrões estabelecidos socialmente como belo, sendo praticante do mal e seguidora do diabo, que na Figura 3 aparece como um bode, o qual representa Baphomet¹. Elas se unem como em um ritual grotesco, onde entregam crianças ao ser que representa o mal. Porém diferente de Dürer, Goya se utilizava dessa construção visual negativa para ir contra alguns pensamentos religiosos disseminados na época.

¹ Baphomet: é um símbolo figurativo, com origem associada aos cavaleiros templários e a maçonaria. Sendo muitas vezes comentado no universo esotérico, frequentemente associado a uma imagem “satânica”. (Ganem; Felipe; Gansohr, 2013. p. 3).

2.3- NEOPAGANISMO E A INFLUÊNCIA DE BRUXAS CONTEMPORÂNEAS NO MEU CAMINHO PESSOAL

Agora seguiremos para o ressurgimento da prática “pagã” visando entender como chegou ao Brasil e como conseguiu se manter até os dias atuais. O neopaganismo pode ser entendido como um movimento sociocultural que surgiu na Europa no século XIX, visando o renascimento e a reconstrução do ideal pagão existente antes da cristianização. Essa vertente se baseia nos costumes do paganismo tradicional, porém o reelabora trazendo novos significados.

No final do século XVIII, o Iluminismo estabeleceu uma postura racionalista e científica que buscava deslegitimar a bruxaria e outras práticas percebidas como supersticiosas, impondo um ideal cético e racional (Nascimento, 2021, p. 21). No início do século XIX, os românticos questionaram essa tentativa de deslegitimização. A visão racional dos pensamentos iluministas reduziu sua compreensão da humanidade e das emoções, o que levou os românticos a valorizarem dimensões mais intuitivas e não racionais. Há uma problemática quanto ao uso do termo “neopagão”:

A problemática do termo “neopagão” está em torno de que ele designaria aos pagãos que cultuassem uma prática cultural histórica tradicional, enquanto o termo “paganismo contemporâneo” designaria para adeptos de movimentos religiosos modernamente construídos. Ou seja, o neopaganismo e o paganismo contemporâneo representariam linhas teológicas diferentes respectivamente, um estaria ligado à uma linha tradicional; enquanto o outro à uma linha teológica inovadora. Ademais, o neopaganismo está atrelado a processos sincréticos visando sua validação social (Nascimento, 2021, p. 22).

Tendo em vista a fala de Nascimento, é possível perceber o uso indevido do termo “neopaganismo” em muitas vertentes de bruxaria, pois se utilizam do paganismo tradicional, mas não o cultuam da mesma forma, adaptando suas próprias práticas àquilo que lhes serve melhor. Não que seja errado, já que cada praticante tem a possibilidade de adaptar sua crença para o que lhe faz mais sentido, porém dessa forma deixa de ser uma religião se tornando uma espiritualidade livre de dogmas e regras impostos a mais de uma pessoa.

O neopaganismo chegou ao Brasil em 1980 com sua crescente expansão desde 1970, principalmente pela valorização da natureza enquanto divina (Nascimento, 2021, p. 22). A representatividade feminina da religiosidade também fez com que adeptas se sentissem incluídas, crescendo o número de fiéis.

Nova Era é como ficou conhecido o movimento religioso que englobava religiões que

se diferenciavam do cristianismo, sendo sua base as religiões orientais e indígenas, que instauraram a natureza sagrada, pensando na harmonia com ela. Com o desenvolvimento da Nova Era, pensamentos mais ecléticos e sincréticos começaram a ser aceitos socialmente, tornando o indivíduo consciente da escolha do seu próprio caminho dentro da religião. As religiões como a Wicca trazem à tona o paganismo tradicional, que agora será base para seus costumes e crenças, assim como também ressignifica a imagem da bruxa, que agora não é mais representada pela imagem da mulher má, como a que vemos no período medieval e iluminista, mas como uma mulher sábia e dotada de fases e arquétipos (Araújo, 2020, p. 9).

Ao longo do meu caminho dentro da bruxaria acompanhei e acompanho mulheres incríveis que se autointitulam bruxas, assim como encontrei outras artistas que me inspiraram ao longo da escrita deste trabalho de conclusão de curso e a partir de agora estarei trazendo um resumo de quem são e de seus trabalhos enquanto mulheres religiosas e espiritualizadas na contemporaneidade.

A primeira delas é Priscila Ferraz, mais conhecida como Pri Ferraz, Priscila é Jornalista, Taróloga, escritora e Bruxa. Criadora do Canal “Diário da Bruxa” no aplicativo do YouTube. É responsável por guiar atualmente mais de 400 mil inscritos através dos seus vídeos sobre bruxaria natural e tarô.

Figura 4 - Priscila Ferraz. Florêncio, registros de uma noite de Lammas.



Fonte: @diariodabruxa, Instagram, 1 de Fev. Disponível em:<https://www.instagram.com/p/DFjdmv_NIB3/?igsh=bXRzOTJueWlvaHNs>. Acesso em: 5 de out. 2025.

Todo Mundo tem a possibilidade de despertar a sua bruxa interior, de despertar aquela sábia curandeira de si mesma lá dentro, e pra mim isso acontece a partir do momento em que nós captamos a ideia de que somos parte e retrato da natureza, e que é da natureza que a gente herda a nossa essência cíclica. Então a gente nasce, cresce, floresce, colhemos, amadurecemos, envelhecemos, morremos e renascemos várias vezes durante a nossa vida. E na minha opinião se abrir pra conhecer e honrar todos esses ciclos que nós vivemos ao longo da nossa jornada, e honrar esses ciclos da terra também, que se manifestam fora e dentro da gente é o que começa a despertar a nossa bruxa interior (Florêncio, 2020. 00:01:24h - 00:02:13h).

Essa Fala da Priscila foi uma resposta a duas perguntas feitas no seu vídeo, que foram as seguintes: Já se nasce bruxa? Ou se torna bruxa? A resposta nos conduz ao próprio processo da Pri, que fazia parte da religião católica. Seu despertar na bruxaria partiu de uma inquietação e necessidade de se sentir parte daquilo que acreditava, de encontrar mais símbolos femininos na sua crença.

O canal “Diário da bruxa” foi o primeiro grande incentivador no meu caminho religioso, as falas da Priscila foram os impulsionadores do conhecimento e da dúvida. Bea Duarte é artista musical e criadora de conteúdo nas redes sociais. Seu canal no YouTube, chamado “Bea Duarte”, contém diversos clipes onde a artista performa o conteúdo de suas músicas. Os mesmos, por sua vez, falam sobre muitos assuntos sociais, como a imagem da bruxa, assim como questões de marginalização e de hipocrisia social.

Figura 5 - Bea Duarte, performance artística para o clipe da música “Pacto”.



Fonte: Satiko, Commedia d'arte. Dany Satiko, Pinterest, [s.d.]. Disponível em:<<https://pin.it/7z8YjvqKB>>.

Acesso em: 5 de out, 2025.

Cadê o sangue que eu me banho toda lua cheia. Gritando o nome de Belzebu? Cadê o rito do meu coven babilônico, Por que eu não vendi minha alma pra tu? Toda mulher que se levanta contra um homem, sucesso é possessão. Então por que eu continuo tão sóbria? Vocês prometeram. Cadê meu pacto, porra? (Duarte, 2025 (00:0039h - 00:01:03h).

A citação acima, se trata de uma música da autoria da artista, chamada “Pacto”. A autora traz como referência a imagem da bruxa má, construída no período medieval, com um ar de ironia, para questionar o papel da mulher na sociedade atual. Bea se intitula bruxa do caos e é defensora de causas ambientais, como o veganismo.

As músicas da Bea me mostraram que a arte também pode ser sobre bruxaria, e que o meu caminho espiritual não precisa ficar dentro do armário das vassouras. A bruxaria é uma religiosidade ainda muito marginalizada. Encontrar artistas e pesquisadores que falem sobre o tema é como uma brisa fresca que me incentiva a continuar o meu trabalho. A primeira música que eu ouvi da Bea foi “Lilith”, onde ela fala sobre não se sentir incluída em uma fé tida como universal. Ao utilizar-se da frase “não sou costela de Adão, sou filha de Lilith”, ela demonstra a sua inconformidade com alguns dogmas da fé cristã, se colocando como dona de sua própria verdade.

Ao longo do meu processo de pesquisa para escrita deste documento, eu me deparei com o trabalho de conclusão de curso da Clara, que me forneceu conteúdo, conhecimento e incentivo para continuar minha pesquisa. Clara Francisca Vieira Rodrigues é formada em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas obras contemplam a imagem da bruxa ligada à natureza selvagem e poderosa dos animais, assim como os simbolismos que pairam na temática.

Figura 6 - Rodrigues, Clara. Elemental, 2022. Óleo sobre papel Kraft.



Fonte: Rodrigues, disponível em:< <https://pintura.eba.ufrj.br/tcc/2022/Clara.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2025.

A ligação com a natureza é uma característica da bruxa, segundo as obras nas quais ela aparece fazendo uso de seu poder, utilizando elementos e alterando o clima. Pensando nos elementos e tentando ligá-los aos animais brasileiros, pintei um autorretrato, deitada sobre um pentagrama. A minha escolha da relação dos animais e elementos acabou ficando: ar – urutau; água – jacaré; terra – jaguarundi, fogo – lobo guará e o quinto elemento presente em algumas crenças que é relacionado ao espírito, éter – abelha (Rodrigues, 2022, p.107).

A fala acima conta sobre os simbolismos e significados utilizados na obra, assim como reforça a imagem da bruxa intimamente ligada à natureza divina e equilibrada, representada

pelo símbolo do pentagrama, utilizado por outras culturas e religiões. Mas no caso da bruxaria representa a harmonia dos cinco elementos, assim como Clara reforça: a água, o fogo, a terra, o ar e o espírito. Ela faz uma ligação dos elementos se utilizando de sua própria vivência e representando eles da forma como melhor os enxerga.

3. CARTOGRAFIA DO PERCURSO DE UMA BRUXA-ARTISTA

3.1- AUTODESCOBERTA

O meu processo de autodescoberta dentro da bruxaria começou como uma planta seca, mas para explicar melhor o porquê dessa comparação eu preciso voltar um pouco para os costumes religiosos familiares.

Semente: Durante a minha infância me lembro de ser levada constantemente para uma igreja de vertente evangélica. Minha família me ensinou aquilo que sabiam e me guiaram naquilo que acreditam. Suas crenças são como verdade absoluta, o que me impossibilitou de conhecer outros caminhos religiosos mais cedo. Durante grande parte da minha juventude, fui obrigada a estar em ambientes religiosos que muitas vezes não queria, mas acabava indo, seja por pressão ou porque era divertido e porque lá eu encontrava uma resposta para algo do qual nunca tinha questionado. Era como ter sentido para viver, mesmo sem ter buscado isso. Era algo no qual eu não precisava pensar muito, afinal poderia existir outra motivação religiosa mais nobre do que essa? Nesta fase vou me comparar a uma pequena semente que germina na rachadura de um asfalto, sequer se deu conta de que seu lugar pode não ser esse, mas também como saberia se só a colocaram lá, sem muito poder de escolha, sua única opção é germinar.

Muda: Na minha adolescência eu apenas continuei aquilo que haviam me ensinado, com alguns questionamentos, mas nenhum tão persistente. Eu acreditava que aquele era realmente o meu lugar, o único lugar ao qual se pode pertencer. Comecei a participar mais ativamente dos órgãos da igreja onde fazia parte e isso fez com que eu criasse conexões com as pessoas do lugar, eram amigos, quase família. Nesse momento também comecei a desenvolver meu lado artístico, me lembro do meu carinho pelo mar e como isso era constante nas minhas criações. Frequentava muito a praia, sempre morei em área litorânea e moro ainda hoje, então aprendi muitas coisas nesse ambiente. O mar desperta a criatividade e por si só é um ambiente mágico, me lembro de sempre pensar em sereias e isso era constante nessa fase.

Figura 7- Ser Das Águas.



Fonte: Acervo pessoal, Recife, 2016.

Figura 8 - Seres Das Águas



Fonte: Acervo pessoal, Recife, 2018.

Figura 9 - Mar.



Fonte: Acervo pessoal, Paulista, 2020.

A muda é a melhor forma de descrever esse momento, minhas raízes começaram a crescer e meu caule engrossou, mas aquele não era meu lugar, o concreto começou a sufocar e a muda começou a murchar.

Sufocamento: Não me lembro quando aconteceu, começaram a vir os questionamentos e de repente eu não sabia mais de nada, não sabia onde estava, ou o que iria fazer, tudo relacionado a religião parecia ser uma grande enganação para mim. E se o caminho que ensinaram não for feito para mim? Será que existe um local onde eu possa crescer? Eu tive medo de me distanciar daquilo que trazia segurança, especialmente quando não tinha ninguém para me apoiar. Tinha receio de decepcionar aqueles que me amam. Particularmente, nunca fui uma jovem rebelde, a não ser pelas respostas na ponta da língua quando me provocavam. Então parecia tudo muito novo, mas eu estava sufocando naquele mar de concreto, não queria mais ir para a igreja. Achava que não cabia lá, e talvez estivesse certa. A planta estava seca, ao menos visivelmente, como falado anteriormente considero este o pontapé do meu caminho na bruxaria.

Raízes: Mesmo com medo, eu decidi prosseguir, e então começaram as pesquisas. Tive medo no começo, tinha aprendido que aquilo que estava fazendo era errado. Duvidar da minha fé era motivo de tristeza divina. Mas eu não sabia mais o que era real, então eu prossegui mais um pouco, até encontrar pessoas que faziam parte da bruxaria e que me explicaram sobre o assunto. Cada minuto pesquisando parecia um grande evento, me sentia uma super heroína desvendando os meus poderes; era divertido pesquisar sobre questões “proibidas” e me permitir fazer algo que eu queria fazer. Era diferente e ao mesmo tempo familiar, a planta que estava seca ainda não tinha desistido de crescer e voltou com ainda mais força. As raízes se revelaram, estavam começando a ficar fortes e nutridas e essa força fez rachar o concreto. As raízes foram liberando espaço para que o caule pudesse crescer novamente. Costumava desenhar muitas bruxas e elementos místicos, tudo era tão novo e refrescante que não poderia parar por ali.

Figura 10 - Bruxas



Fonte: Acervo pessoal, Paulista, 2021.

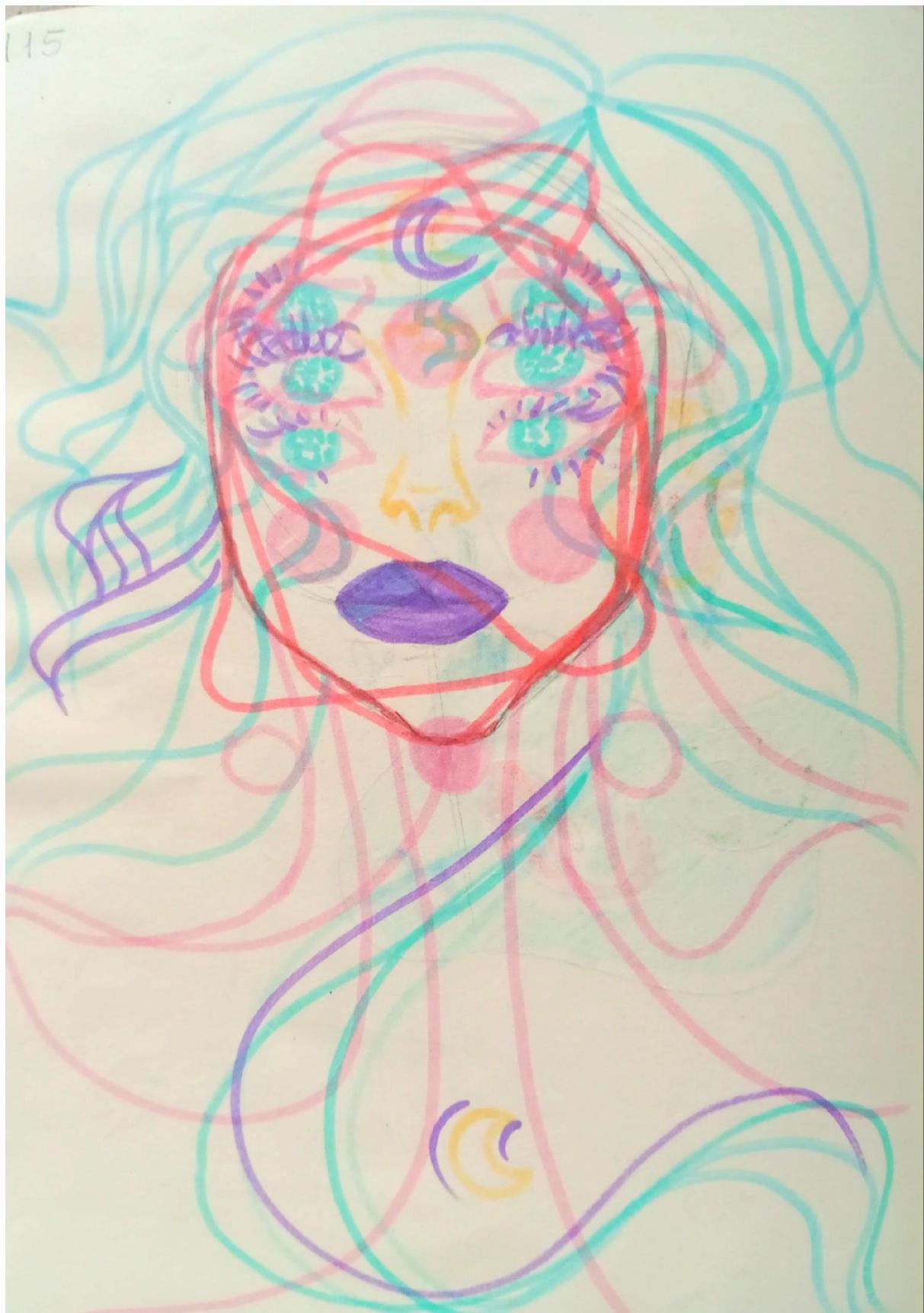




Figura 11 - Coven das Bruxas

Fonte: Acervo pessoal, Paulista, 2021.

Figura 12 - Bruxas



Fonte: Acervo pessoal, Paulista, 2021.

Flor: Após as raízes liberarem espaço, eu consegui crescer no meu novo caminho. Começaram a surgir as primeiras folhas e em seguida veio a flor, tão pequena e frágil, mas com um doce cheiro, e esse cheiro começou a atrair boas pessoas, mas também atraiu algumas coisas indesejadas, como comentários negativos sobre minha decisão ou xingamentos cheios de dor. A flor resistiu, mas ela sabia que haveria dias em que precisaria murchar, para crescer novamente em outro galho. Esse é um ciclo que nunca acabou, essa também sou eu hoje, sei que ainda tenho muito a aprender nesse caminho, mas também sei que os meus próprios conhecimentos fizeram o lugar ao qual pertenço e eu tenho muito orgulho das minhas raízes.

3.2- DA SIMBOLOGIA À MAGIA

Nesta parte do texto, analiso os elementos simbólicos associados à bruxaria, alguns deles presentes nas minhas obras, trazendo algumas observações sobre as vestimentas e instrumentárias mágicas.

A vassoura: A vassoura carrega um significado simbólico de poder sagrado dentro da magia. Nas tradições antigas, varrer era um ato ritualístico de limpeza, essa prática se sustenta até os dias atuais, onde se eliminam impurezas energéticas e físicas trazidas de fora com o ato da varredura. É importante destacar que o caldeirão e a vassoura são instrumentos ligados ao cotidiano doméstico feminino. Por isso, ao amaldiçoar as mulheres, os objetos utilitários normalmente associados a elas também receberam tal conexão, como também é o caso do caldeirão (Chevalier; Gheerbrant, 2015. p. 932).

O caldeirão: é um símbolo constantemente associado à imagem da bruxa, por mais que não esteja sendo contemplado nas obras autorais antes visitadas. O caldeirão é um recipiente metálico que é usado para ferver, preparar, ou cozinhar algum alimento, sendo sopas ou doces, porém também é associado às práticas mágicas e demoníacas. Esse vínculo entre o objeto e a magia vem de símbolos de antigas tradições. Entre os celtas, o símbolo do caldeirão possuía um significado sagrado, ligado à abundância e ao conhecimento. O simbolismo do caldeirão adentra outras culturas para além do povo celta, como a chinesa e a grega. Frequentemente, caldeirões são encontrados no fundo de lagos e mares, simbolizando recipientes de forças mágicas e de renovação. Por serem responsáveis na maioria das vezes por conter líquidos é comumente associado ao símbolo da água dentro da magia. Algumas bruxas se utilizam do termo “útero da Deusa” para representar o simbolismo desse objeto e o colocar como grande

transformador dentro da simbologia mágica. É um símbolo ambivalente, representa tanto a vida e a renovação, quanto a destruição e a morte. Na bruxaria ele permanece como um instrumento central da magia transformadora, onde a matéria e o espírito são misturados, transmutados e recriados (Chevalier; Gheerbrant, 2015. p. 166).

A varinha: um símbolo de poder que é extremamente estereotipado até os dias atuais, traz uma ideia de ilusão para as práticas mágicas. Retratadas neste trabalho como um objeto de poder e força para os magistas, por se tratar de uma expansão do seu próprio corpo e intenção (Rain, 2005, p. 79).

O chapéu: Quanto ao chapéu pontiagudo, para algumas linhas de pensamento na bruxaria, o formato de cone no chapéu serve de antena receptora capaz de potencializar e atrair as energias cósmicas e auxiliar na captação de poder, também tem um significado de proteção na realização de algum trabalho mágico, e até mesmo da superioridade, como acontece na maçonaria (Chevalier; Gheerbrant, 2015. p. 232).

Com os meus desenhos, procuro repensar a estética da bruxa má e reincorporo a minha visão do que também é ser feiticeira. A imagem da bruxa não é estável, é fluida, tem diversos rostos, gêneros e formas de se portar na sociedade, assim como procuro mostrar na Figura 10.

3.3- CALDEIRÃO EDUCATIVO: DESCONSTRUIR PARA EDUCAR

Descrevo a minha prática na bruxaria natural como solitária, já que não sou iniciada por um líder religioso dentro de um Coven. Meus estudos e práticas, são em sua maioria autônomos. Acredito que a bruxaria é mais que uma espiritualidade ou estilo de vida, também é um dos caminhos para me expressar espiritualmente e politicamente. É a possibilidade de enxergar o sagrado no corpo de uma mulher, no meu corpo.

No meu processo de criação como artista, a bruxaria se destaca pelas questões estéticas, simbólicas e ideológicas. Na graduação em Artes Visuais, durante alguns trabalhos tive a oportunidade de desenvolver a minha identidade artística, fazendo referência aquilo que vivo e sou, uma bruxa. A figura fantástica de elementos e criaturas vem em recorrência em meus trabalhos, tanto os acadêmicos, que tem a finalidade de desenvolver habilidades próprias da área, quanto os trabalhos pessoais, que me trazem satisfação e desenvolvimento pessoal. As duas áreas revelam a forma como quero que meus trabalhos sejam vistos pelo externo, não

busco separar quem eu sou da minha arte, muito pelo contrário, busco integrar as áreas que me conectam e que revelam ao mundo o que eu penso.

No contexto da educação escolar, é necessário trabalhar a leitura de imagens. A figura da bruxa através das artes constitui um exemplo de como o belo e o feio são construídos culturalmente, ajudando a discutir assuntos como padrões de beleza, construção cultural do medo e preconceito. O objetivo é ensinar os estudantes a interpretar criticamente as imagens presentes na cultura. A leitura de símbolos ajuda a perceber que o “belo” pode ser instrumento de dominação e o “feio” pode ser ferramenta política. A beleza e a feiura são relativas, assim como afirma Umberto Eco, em seu livro *A história da feiura* (2007, p. 10): os conceitos de belo e feio são relativos aos vários períodos históricos ou a várias culturas.

O belo aparece com frequência sendo retratado nas artes, porém é necessário compreender que a ideia de beleza é inconstante diante da cultura e do tempo. É de suma importância que o artista desconstrua estereótipos preconceituosos e negativos dentro de seus trabalhos, pois a arte tem grande papel na construção e desconstrução do imaginário social. O professor de Artes, por sua vez, deve pensar e selecionar imagens que alimentem o repertório artístico de seus estudantes sem naturalizar uma ideia única.

Indo para a área da conscientização ecológica, e aprendizado através da natureza, gostaria de destacar a presença dos jardins dentro de instituições escolares, e da aproximação das crianças e adolescentes dentro desses ambientes. É importante enfatizar que o instrumento de conhecimento não se limita só a livros e textos, pois um jardim não substitui um livro, mas é tão importante quanto. Ele pode nos ensinar mais do que se imagina, por exemplo: uma planta que murcha pode nos ensinar sobre a morte, uma semente que brota da terra pode nos fazer entender sobre a vida e as diferentes espécies de insetos e microorganismos que convivem em uma árvore podem nos fazer entender sobre a sociedade e sobre nós mesmos. Por esse motivo, enxergo a própria natureza como instrumento de pesquisa e conhecimento. Por mais que essa temática não encaixe diretamente com as artes visuais, há outras formas de trabalhar meio ambiente e arte, como por exemplo a reciclagem dentro da produção artística, ou então a produção de pigmentos através de elementos naturais, como as folhas e a terra, assim como temperos, como a cúrcuma.

3.4- GRIMÓRIO

O grimório é um caderno de estudos onde adicionamos as propriedades e os significados dos assuntos, sendo eles símbolos mágicos, estudo sobre as plantas e ervas, os cristais, as fases da lua, dos instrumentos mágicos, dentre outros assuntos que englobam a experiência de ser bruxa. Durante uma prática mágica ou a realização de um feitiço, o grimório serve para consulta rápida diante das conclusões dos estudos, sendo um livro individual já que cada praticante vai seguir sua própria linha de estudos. Os grimórios também podem ser divididos por assuntos.

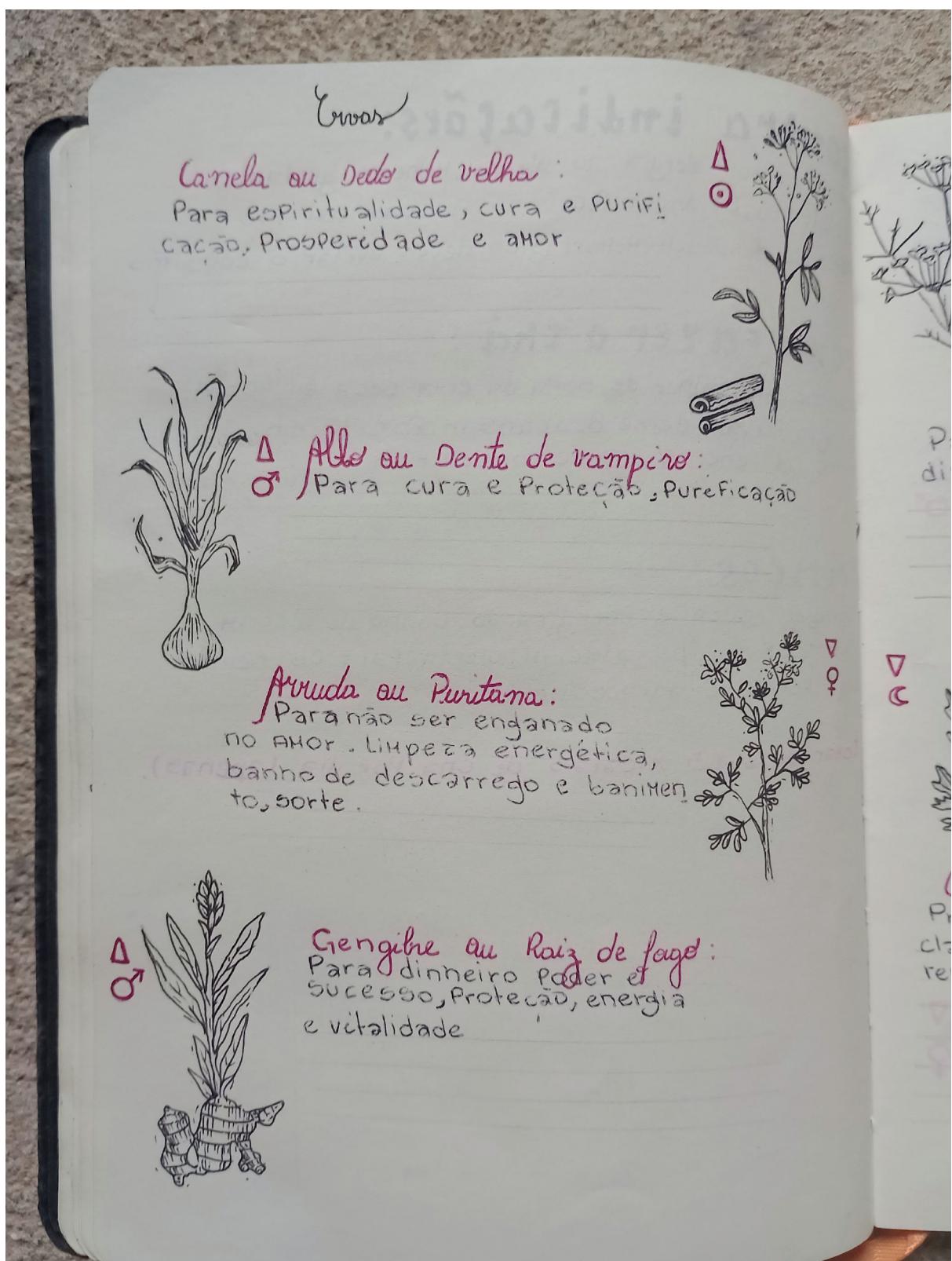
O chamado livro das sombras é uma variação do grimório. Mas diferente do grimório, ele funciona como um diário mágico, onde se colocam os Feitiços que se pretende fazer e os que já foram feitos, escrevendo as resoluções e resultados deles. Como exemplo, vou utilizar uma parte escrita no livro das sombras de Gwinevere Rain:

16 de agosto de 1999 - 15 anos.

Depois de folhear o meu livro das sombras por uma boa meia hora, eu percebi que precisava urgentemente organizá-lo. Foi por isso que eu criei uma divisão para rituais e feitiços, na qual eu anoto todos os detalhes dos meus feitiços e rituais e o motivo que me levou a realizá-los. Assim eu sei onde encontrar as anotações referentes às minhas experiências com a bruxaria, sem ter de folhear todo o meu livro para saber se eu realizei um ritual de sabá no mês anterior. Além do mais, esse é um ótimo jeito de saber quantos feitiços eu fiz e o dia exato em que eles foram lançados (Rain, 2005, p. 32).

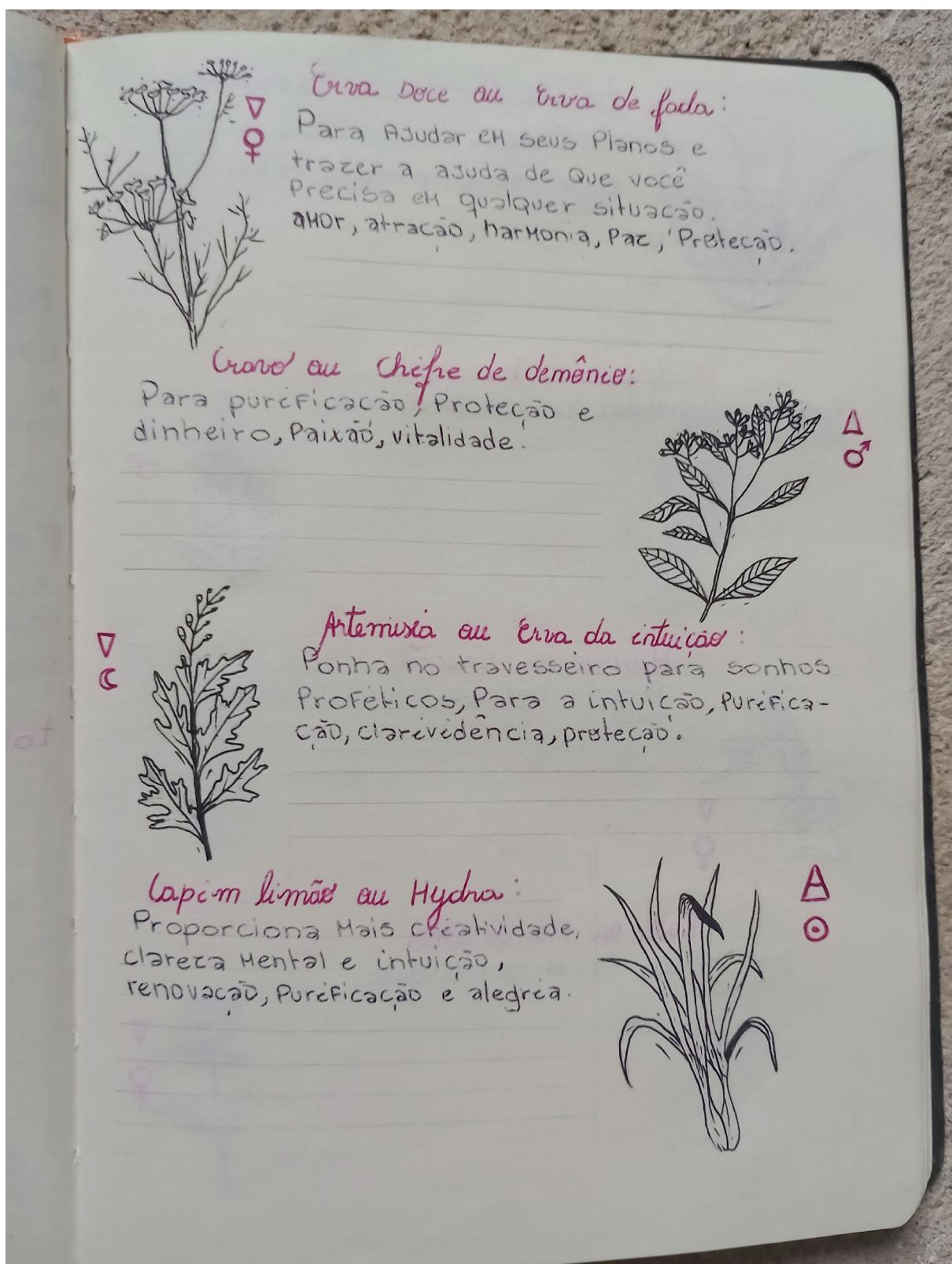
Gwinevere é wicca desde seus 14 anos e ensina em seus trabalhos sobre a prática da magia com ética. Assim como Gwinevere escreve em seu livro das sombras, eu escrevo em meu grimório. Eu adiciono minhas próprias vivências e predileções em meus estudos, a arte é uma dessas preferências. Quando ainda era estudante no ensino médio, amava desenhar no caderno de anotações, sobre o respectivo assunto passado em sala de aula, e percebo que esse meu costume passou para as minhas práticas de escrita do grimório. As páginas a seguir fazem parte do meu grimório pessoal:

Figura 13- páginas do grimório.



Fonte: Acervo pessoal, Paulista 2025.

Figura 14- páginas do grimório.



Fonte: Acervo pessoal, Paulista 2025.

As figuras acima destacam desenhos feitos por mim no processo de estudo de alguns fundamentos indispensáveis para um fazer mágico. Meu grimório se divide em 50% escrita e 50% desenho. Acredito que essa organização só é possível por causa da minha proximidade com a arte. Por muitas vezes só memorizei certos conhecimentos após repetir mentalmente enquanto desenhava. Os desenhos presentes no grimório se diferenciam das minhas ilustrações e pinturas, que são normalmente mais coloridas, enquanto os desenhos representados nas figuras 13 e 14 são mais dramáticos devido à falta de cor e a presença de hachuras.

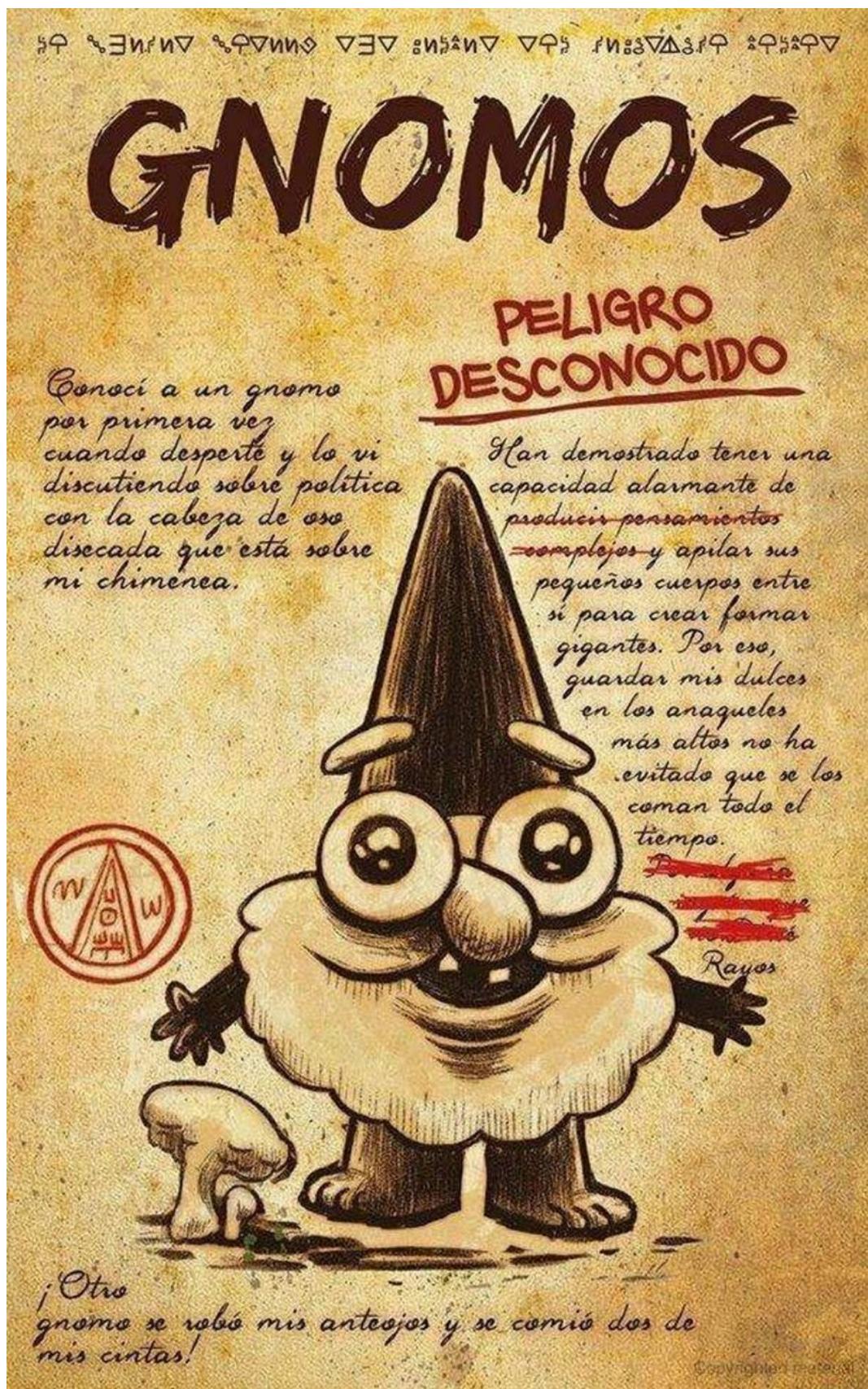
Por algum tempo, me fiz o questionamento de porque decidi seguir por esse caminho estético para meus estudos. Penso em algumas possíveis respostas para minha pergunta. Inicialmente, poderia afirmar as questões de tempo de produção. Por se tratar de um estudo, não queria desperdiçar muito tempo pensando na possibilidade estética, havia certa facilidade em fazer hachuras nas partes que queria sombrear e deixar sem nada as partes que gostaria de destacar. Também me agradou essa poluição de riscos no desenho, que me faziam sentir estar olhando para um glossário mágico.

As páginas em questão são constituídas de estudos de magia herbal, que seriam a magia das plantas. É constituída de observações resumidas sobre as energias mágicas das plantas e ervas representadas em desenhos e classificadas por nomes populares da região onde cresci, e outros inventados por mim, na minha própria prática individual. Há símbolos em vermelho ao lado de cada desenho figura 16, que revelam o elemento através da alquimia e o planeta regente, que seria o grande influenciador das energias da planta. Gostaria de pontuar que não há modelo de grimório a ser seguido, por se tratar de um caderno de estudos e um diário mágico individual, cada escrita e escolha de estética é muito particular e deve ser livre para ser ajustada a maneira como o magista quiser.

Outro grande incentivo, foi o imaginário que eu tenho de livros mágicos. Durante toda a minha infância, fui alimentada pela presença de filmes de fantasia, onde os magistas ou desvendadores de mistérios possuíam um caderno onde havia anotações e desenhos sobre feitiços, poções e criaturas fantásticas. Como por exemplo, o seriado "Gravity Falls" (2012): "Um Verão de Mistérios", que conta a história de dois irmãos gêmeos, que vão passar as férias de verão na casa do seu tio avô, mas acabam descobrindo que a cidade onde ele mora guarda mais segredos do que imaginavam. Durante um passeio na floresta, um dos gêmeos, o chamado Dipper, encontra um caderno, que parecia revelar algumas das coisas antes ocultas daquele lugar, nele contém diversos tipos de criaturas e segredos inimagináveis. Os padrões estéticos presentes no caderno de estudos da animação fazem o espectador sentir certa curiosidade para descobrir o que os desenhos e imagens presentes no mesmo se referem. A construção da escrita

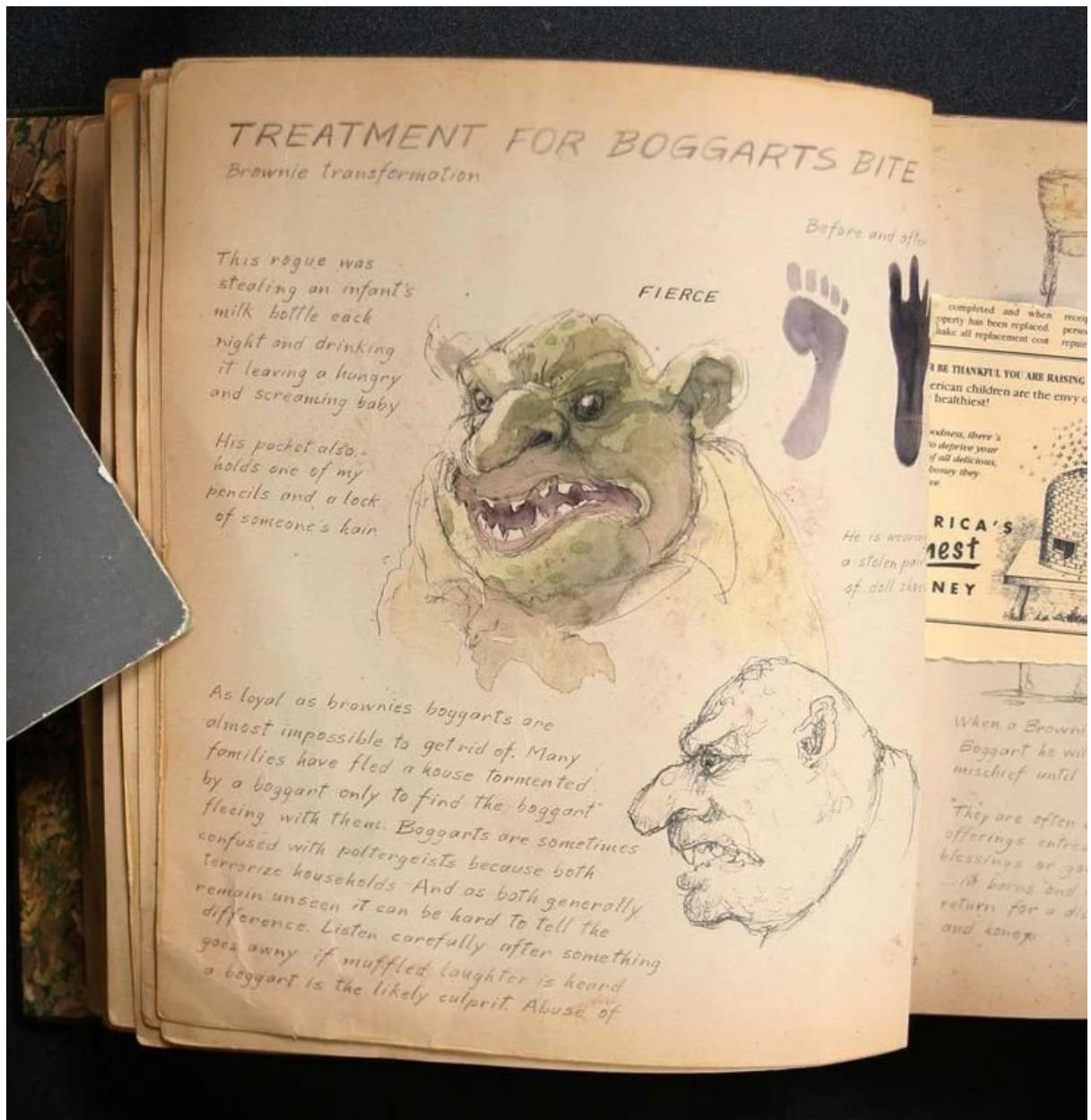
é desorganizada, como a de quem registra e documenta algo importante durante a pesquisa, os desenhos não têm presença de cor o que deixa a imagem com uma certa dramaticidade. Consigo perceber que o meu caderno de desenho se enche de referências cinematográficas. A seguir mostro a imagem de alguns desses cadernos, grimórios e livros presentes em animações e filmes que me influenciam até hoje na minha produção:

Figura 15 - Caderno de anotações da animação “Gravity Falls”.



Fonte: Sakura, [s.d.]. Disponível em: <<https://pin.it/40R4l7eFd>>.

Figura 16 - Caderno de anotações do filme “As crônicas de Spiderwick”.



Fonte: Maria Rivera, [s.d]. Disponível em:<<https://pin.it/5iFTpADnP>>.

4. CONCLUSÃO

Em síntese, posso afirmar que ao longo do trabalho foi desenvolvido o objetivo de analisar a minha prática artística enquanto praticante de bruxaria, e entender como essas duas áreas se mesclam para constituir uma prática espiritual e uma temática nas artes. Desse modo desenvolvi uma percepção mais aprofundada dos pontos que foram trabalhados. Conclui-se que a imagem da bruxa foi sendo moldada ao longo da história, para o que conhecemos atualmente, como a imagem da bruxa má. Na atualidade, alguns grupos religiosos buscam ressignificar essa imagem com um propósito sócio-religioso e ideológico, como é o caso da bruxaria natural. Destaca-se o processo da minha vivência enquanto bruxa e artista visual, onde demonstrei que não há uma arte separada daquilo que penso, acredito e sou, pois ser artista contamina todas as minhas práticas, e não seria diferente com a bruxaria. Me deparei com algumas dificuldades ao longo da escrita deste trabalho, começando pela preocupação de encontrar documentos que atestam a veracidade antropológica de alguns questionamentos feitos no decorrer da escrita. Porém, mesmo com os empecilhos, me sinto realizada com o caminho que tomou minha pesquisa. Acredito que este trabalho carrega motivação suficiente para incentivar outras bruxas e artistas a seguirem, pesquisarem e escreverem sobre seus próprios caminhos dentro de seus percursos acadêmicos. Compreendo que a temática da bruxaria é recorrente em meus trabalhos artísticos, o que torna a pesquisa algo fundamental para a construção de um pensamento mais sólido, e de uma temática dentro das artes visuais que reafirme quem eu sou perante a sociedade, sendo este trabalho o primeiro de outros que pretendo realizar.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kallyane F. P. **Wicca, religião e natureza: bruxaria e espaços sagrados no Brasil.** 2020. Dissertação (Curso de pós-graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br>>. Acesso em: 16 dez. 2025).

BEA DUARTE, Bea Duarte - Pacto (Clipe oficial). YouTube, 27 jul. 2025. **1 vídeo** (00:00:39h - 00:01:03h). Disponível em: <<https://youtu.be/5RNV4Zh3frk?si=w5jgyy7hyamMsZ0t>> acesso em 4 out, 2025.

DIÁRIO DA BRUXA. O que é ser bruxa? Será que você também é uma. YouTube, 19 ago. 2020. **1 vídeo** (00:01:24h - 00:02:13h). Disponível em: <https://youtu.be/yz3UEEwwZfs?si=QLMh_W6tkREzb6A4>, acesso em 2 out. 2025).

ECO, Umberto. **História da feiúra.** 1. ed. São Paulo: Record, 2007.

GANEM, Ermelinda; FELIPE, José; GANSOHR, Mateus. Aterradora transcendência? Uma análise simbólica do Bafomé de Éliphas Lévi. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1129 -1149, 2013. Disponível em: <[PUC Minashttps://periodicos.pucminas.br](https://periodicos.pucminas.br)>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GORI, Tânia. **Bruxaria natural: uma filosofia de vida.** 1 ed. São Paulo: Madras, 2021.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte.** 16. ed. São Paulo: LTC, 2000.

JEAN, Chevalier; ALAIN, Gheerbrant. **Dicionário de símbolos.** 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

NASCIMENTO, Luís H. P. **Panorama geral do processo de apropriação e marginalização da cultura pagã no Império Romano (séculos I–IV d.C.).** 2021. Monografia (Curso Técnico em Análises Clínicas) – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://epsjv.phlnet.com.br/beb/textocompleto/mfn20686.pdf>. Acesso em: 6 set. 2025.

RODRIGUES, Clara F. V. **Feminino, magia e um bestiário particular**. 2022. Monografia (Curso de Graduação em Pintura) - Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://pintura.eba.ufrj.br/tcc/2022/Clara.pdf>>. Acesso em 5 out. 2025.

RAIN, Gwinevere. **Confissões de uma Bruxa Teen: a arte da bruxaria para jovens iniciantes**. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.

SILVA, Nathália. **Bruxas e a arte: a construção da imagem das feiticeiras nas artes visuais**. 2024. Monografia (Curso de bacharelado Artes Visuais) - Instituto de artes Júlio de Mesquita, São Paulo: Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP, 2024. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/11449/259356>>. Acesso em: 7 de out, 2025.

SILVA, Deuslânio Junior de Souza. **Bruxaria, arte diabólica nos tempos coloniais**. 2012. Monografia (Curso de história) – Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio-GO. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ueg.br/jspui/bitstream/riueg/5969/2/MG9%2022005-2012.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

VIEIRA, Taís Borin. **Gênero e religião: paganismo e o culto à Deusa na contemporaneidade**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/743>>. Acesso em: 6 set. 2025.